Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Filosofia - Estética I

Janela da Alma – Documentário

 Esta longa-metragem trata-se essencialmente de uma profunda reflexão sobre a perceção da realidade e a frágil (poderá assim afirmar-se) barreira entre o Olhar e a Cegueira, o Ver e o Não Ver.

 A primeira passagem a salientar pelo seu grau de importância será imediatamente o início do documentário. O Janela da Alma começa com um fundo preto, simbolizando a cegueira, o vazio, o nada, a escuridão. Até que aparece a luz, uma fogueira que pode e será vista de formas diferentes expondo assim a ideia de que uma imagem pode ter diferentes significados e leituras dependendo da luz, do ponto de miragem, etc.

 Optarei agora por escrever, não pela ordem do documentário, mas sim por algumas “personagens” presentes no mesmo, as ocorrências mais importantes ditas por cada um dado que estes dizem verdades fulcrais para o entendimento deste documentário e, que a meu ver, “falar” delas é essencial.

 Hermeto Pascoal confessa que é difícil manter a mesma direção do olhar porque a vista dele “dança”. Diz-nos portanto que temos de aprender que o nosso olhar instintivamente procura superar o pequeno ângulo da nossa visão. Acrescenta, mais à frente, que possui uma visão interior muito rica e que a visão exterior atrapalha essa visão. Inclusive pediu a Deus para ficar totalmente cego (“cego aparente”) para assim desenvolver a sua visão interior e não ver por algum tempo as coisas más que aconteciam à sua volta.

 Wim Wenders afirma que “felizmente, a maioria de nós é capaz de ver com os ouvidos de ouvir e ver com o cérebro, com o estomago e com a alma.” Ou seja, os olhos não são a única fonte de visão do nosso ser. Podemos ouvir algo bonito, ou sentir, ou comer e saber que é belo, bom. Daí acrescentar que “vemos em parte com os olhos, mas não exclusivamente.”

 Antonio Cícero afirma que a primeira vez que colocou óculos, a coisa mais espantosa que lhe aconteceu foi “notar a quantidade de detalhes que vê e antes não via”. Diz-nos “Quando coloquei os óculos e vi a multiplicidade de que era composta uma árvore – que antes eu via apenas como uma massa -, aquilo foi uma descoberta maravilhosa.” Os óculos então simbolizam a cultura, a educação, as novas experiências, a leitura, o cinema e o teatro, etc. O que leva a um olhar mais educado, a uma melhor perceção das coisas e consequentemente a um saber muito mais vasto.

 O escritor faz uma reflexão bastante importante no inicio do documentário exatamente sobre o olhar educado onde afirma que “se o olho é a Janela da Alma, então você tem que olhar por essa janela com outro olho. E esse outro olho também é uma janela. A janela não olha. Quem olha é um outro olho através da janela.” (PT-BRA) Portanto, quem “olha” não é o olho físico, mas sim o olho do conhecimento (assim lhe chamarei), ou seja, se não tivermos conhecimento, se não o cultivarmos todos os dias e o educarmos, veremos pouco ou nada.

 Para Evgen Bavcar, as imagens passadas na televisão e nos outros meios audiovisuais matam a nossa visão interior, tal como já tinha refletido Hermeto Pascoal. O fotógrafo comenta como faz o seu trabalho e alarga o seu reportório: “Às vezes, percebo por mim mesmo, ou escuto e oriento a máquina em direção à voz. Às vezes, alguém me orienta, às vezes são os livros que me orientam, às vezes, é meu coração que me orienta... É preciso tentar existir por si mesmo.” Usa a expressão “fora de foco” como metáfora para sem conhecimento (repertório), afirmando que “Você nunca se descobre pensando fora de foco. A ideia do fora de foco, num mundo nosso visual, é muito grave.” (PT-BRA)

 Oliver Sacks afirma que o ato de olhar não se limita a olhar para o visível, mas também, olhar para o invisível, ou seja, a imaginar. Para esclarecer esta ideia explica: “Se dizemos que os olhos são a janela da alma, sugerimos, de certa forma, que os olhos são passivos e que as imagens apenas entram. Mas a alma e a imaginação também saem. O que vemos é constantemente modificado pelo nosso conhecimento, pela nossa ansiedade, pelos nossos desejos, pelas nossas emoções, pela cultura, pelas teorias científicas mais recentes. Assim eu posso, também, ver com os olhos da mente.” Portanto, todos somos seres emocionais e as nossas experiências são influenciadas pela nossa emoção pessoal e esta fica assim “codificada na imagem”.

 José Saramago questiona-se: ” E se nós fôssemos todos cegos?”. E chega a uma brilhante conclusão: “Nós somos realmente cegos, cegos da nossa razão, cegos da nossa sensibilidade, cegos daquilo que faz de nós, não um ser funcional da relação humana, mas o contrário, um ser agressivo, um ser violento, isso é o que nós somos... E o espetáculo que o mundo nos oferece é precisamente esse: um mundo de desigualdades, um mundo de sofrimento, sem justificação... é claro, com explicação, mas não tem justificação.”

 Por fim acrescenta que “Vivemos todos num Luna Park audiovisual. Onde os sons se multiplicam, onde as imagens se multiplicam e onde nós, mais ou menos creio, vamos cada vez mais nos sentir perdidos. Perdidos, em primeiro lugar, de nós próprios. E em segundo lugar, perdidos na relação com o mundo.”

 Completo assim este resumo/comentário, afirmando que concordo com todos os pontos de vista dos personagens achando toda a longa-metragem bastante enriquecedora para quem a vê. Acrescento também que me tocou bastante e que me sensibilizou de uma certa forma para este tema.

 Este documentário é de uma excelência extrema. Não só por ter a participação de várias celebridades totalmente geniais, mas também pelo seu conteúdo extremamente interessante e sensível.

 Maria Rita Nobre Rocha.